

a bibliotecária portuguesa
marie benedict e
victoria christopher murray

Tradução de Isabel Baptista



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para os dois lados de Belle:
Belle da Costa Greene
e
Belle Marion Greener

CAPÍTULO

1



28 DE NOVEMBRO DE 1905
PRINCETON, NOVA JÉRSIA

 sino da igreja Old North bate as horas e apercebo-me de que vou chegar atrasada. Tenho vontade de começar a correr, de levantar as minhas saias volumosas, de deixar as minhas pernas acelerarem pelos caminhos da Universidade de Princeton. Mas no momento em que agarro no tecido pesado, ouço a voz da mamã: *Belle, porta-te sempre como uma senhora*. Suspiro; uma senhora nunca corre.

Solto o tecido e abrando, percorrendo a frondosa paisagem gótica de Princeton, concebida para se parecer com Cambridge e Oxford. Sei que não devo fazer nada que chame a atenção. Quando passo pelo Blair Arch, o meu passo é rápido mas aceitável para uma senhora.

Já passaram cinco anos desde que troquei o nosso apartamento em Nova Iorque por esta pacata cidade universitária de Nova Jérсия, e o sossego ainda é enervante. Aos fins de semana, gostava de poder voltar à energia de Nova Iorque, mas os sessenta cêntimos do bilhete de comboio estão fora do orçamento da nossa família. Por isso, em vez disso, mando dinheiro para casa.

Ao passar por baixo de uma torre com ameias, modero o meu passo para não estar sem fôlego quando lá chegar. *Estás na Universidade de Princeton. Tens de ter ainda mais cuidado a trabalhar nessa instituição exclusivamente masculina. Toma cautela, nunca faças nada que dê nas vistas*. Apesar de estar a quase sessenta quilómetros de distância, a minha mãe infiltra-se nos meus pensamentos.

Empurrando a pesada porta de carvalho devagar, para minimizar o seu rangido alto, caminho tão silenciosamente quanto as minhas botas de pele de bezerro permitem, através do átrio de mármore, antes de entrar no gabinete que partilho com outras duas bibliotecárias. A sala está vazia e eu suspiro de alívio. Se a amável Miss McKenna me tivesse visto chegar atrasada, não teria tido qualquer importância, mas com Miss Adams, uma intrometida de olhares furtivos, eu nunca poderia ter a certeza de que ela não mencionaria a minha falha ao nosso superior a dada altura.

Tiro o casaco e o chapéu, com o cuidado de ajeitar o meu cabelo rebelde e encaracolado outra vez no sítio. Entalando a minha saia sóbria azul-marinho por baixo das minhas pernas, instalo-me na minha cadeira. Poucos minutos depois, a porta do escritório abre-se de repente e com estrondo, batendo contra a parede apainelada a madeira, e eu dou um salto. É a minha única amiga querida, uma colega bibliotecária e companheira de casa, Gertrude Hyde. Como sobrinha da respeitável chefe do departamento de aquisições da biblioteca, Charlotte Martins, ela pode quebrar o silêncio dos corredores sagrados sem temer as consequências. É uma jovem exuberante de vinte e três anos com cabelo ruivo e olhos brilhantes, e ninguém me faz rir como ela.

— Desculpa ter-te assustado, Belle. Acho que te devo duas desculpas agora, em vez da única que pretendia. Primeiro, por te termos abandonado esta manhã, o que, sem dúvida, levou ao teu atraso — diz ela com um olhar malicioso para o relógio de parede —, e agora, por te ter pregado um susto.

— Não sejas tola. A culpa é minha. Eu devia ter posto de lado aquela carta para a minha mãe e ter ido para o *campus* contigo e com a Charlotte. Com a Miss Martins, quero eu dizer — corrijo.

Na maioria dos dias, Charlotte, Gertrude e eu saímos juntas da sua grande casa na University Drive, onde eu tenho um quarto e partilho as refeições com Charlotte, Gertrude e o resto da família que também vive lá em casa. Desde o início, Charlotte e Gertrude acolheram-me na sua casa e nos seus círculos sociais com calor e generosidade, e deram-me muitas orientações no trabalho. Não consigo imaginar como teria sido a minha estadia em Princeton sem elas.

— Belle, porque é que te estás a preocupar com o que chamar à tia Charlotte? Não está aqui ninguém, só tu e eu — ralha-me ela na brincadeira.

Eu não digo o que estou a pensar. Que Gertrude não precisa de avaliar todos os momentos, todos os dias, em relação aos padrões da sociedade, para ter a certeza de que o seu comportamento é aceitável. Ela não precisa

de analisar as suas palavras, o seu andar, os seus modos, mas eu preciso. Mesmo com Gertrude, eu tenho de agir com cuidado, especialmente tendo em conta o escrutínio acrescido nesta cidade universitária, que funciona como se estivéssemos no Sul segregador e não no Norte supostamente mais progressista.

O som característico dos sapatos de Miss Adams soa no corredor, junto à porta do meu gabinete, e a saia de Gertrude faz uma restolhada quando ela faz menção de sair. Gosta tanto da minha colega de gabinete como eu, e quer escapar-se antes de ficar enredada numa conversa.

Antes de sair do gabinete, volta-se para mim e sussurra:

— Ainda estás livre para a palestra de filosofia desta noite?

Desde que Woodrow Wilson assumiu a presidência da Universidade de Princeton, há três anos, e instituiu todo o tipo de reformas escolares, o número de palestras abertas ao pessoal e aos membros da comunidade tem aumentado. Embora eu e Gertrude nos deleitemos por sermos incluídas na vida académica do *campus*, detesto algumas das outras decisões de Wilson, como a de manter Princeton como uma universidade só para brancos, quando todas as outras escolas da Ivy League já admitiram pessoas de cor. Mas eu nunca diria em voz alta estas opiniões.

Em vez disso, respondo:

— Não a perderia por nada deste mundo.

O silêncio das pilhas de livros envolve-me como um cobertor macio. Descontraio-me no silêncio suave dos leitores a virar as páginas e com o cheiro das encadernações em pele. Os meus longos dias passados na companhia de manuscritos medievais e dos primeiros livros impressos acalmam-me e deliciam-me. Imaginar o empenho dos primeiros profissionais da imprensa, que fixaram a língua inglesa e divulgaram amplamente a sua literatura através do trabalho meticuloso de colocar os caracteres, letra a letra, transformando páginas vazias em belos textos para inspirar os devotos e os leitores, transporta-me para além das limitações deste tempo e lugar, tal como o meu pai sempre acreditou. Para ele, a palavra escrita podia funcionar como um convite para o pensamento livre e para o mundo em geral, e em nenhum outro tempo isso foi mais verdadeiro do que no alvorecer da palavra impressa, onde — pela primeira vez — esse convite podia ser feito às massas em vez de apenas a alguns privilegiados.

— Miss Greene — ouço uma voz suave vinda do outro lado das pilhas.

Duas palavras simples, mas o tom modulado e o sotaque característico do meu visitante denunciavam-no e, de qualquer forma, tenho estado à espera dele.

— Bom dia, Mr. Morgan — respondo, virando-me na sua direção.

Apesar de eu estar a falar baixinho, Miss Scott levanta os olhos do seu balcão de atendimento com um ar reprovador. Não é tanto o volume das minhas palavras que a incomoda, mas sim a amabilidade da minha relação com o colega bibliotecário e o benfeitor das coleções.

Embora Mr. Junius Morgan seja ostensivamente um banqueiro, ele doou generosamente dezenas de manuscritos antigos e medievais à universidade, razão pela qual ocupa também o cargo titular de bibliotecário principal associado. Estou convencida de que Miss Scott pensa que qualquer tipo de relação entre nós — mesmo a cordial e profissional que partilhámos — está abaixo do nível dele.

Vejo aparecer um homem magro, com cabelo castanho e uma expressão simpática por detrás dos seus óculos redondos.

— Como está hoje, Miss Greene?

— Bem, e o senhor?

O meu tom é profissional e reservado. Ele está vinte minutos atrasado para a hora que tínhamos combinado e eu começava a pensar que se tivesse esquecido do nosso encontro. Mas nunca me atreveria a mencionar o seu atraso.

— Ia dar uma vista de olhos aos livros do Virgílio, como tínhamos falado ontem. Estava a pensar se ainda estaria interessada em me acompanhar. Partindo do princípio de que os seus deveres e o seu interesse o permitem, claro.

Mr. Morgan, a quem eu chamo Junius na privacidade dos meus pensamentos, sabe que o meu zelo pela coleção mais valiosa da biblioteca é quase tão intenso como o dele e que nenhuma das minhas outras tarefas iria impedir a visita privada que ele me prometeu.

Partilhámos uma paixão pelo antigo poeta romano Virgílio. A biblioteca tem cinquenta e dois volumes da sua poesia. As minhas conversas com Junius sobre as viagens sombrias d'*A Eneida* e d'*A Odisseia* são alguns dos momentos mais brilhantes dos meus dias. Enquanto Junius admira Ulisses, eu identifico-me sempre com Eneias, o refugiado troiano que tenta desesperadamente cumprir o seu destino num mundo que não tem lugar para ele. Eneias era movido pelo dever, sacrificando-se pelo bem dos outros.

— Já tratei do que tinha programado — sorrio.

— Ótimo. Se me quiser acompanhar...

As minhas saias deslizam pelo chão de carvalho enquanto sigo Junius até à pequena sala elegante onde estão arrumados os livros de Virgílio. Tenho de inspirar e de evitar que o meu pé bata de impaciência enquanto espero que ele tire um pesado porta-chaves do seu bolso.

Por fim, ele abre a porta para revelar as vitrinas que guardam a preciosa coleção de livros raros. Existem apenas cerca de cento e cinquenta livros impressos da poesia de Virgílio. Todos estes volumes foram impressos no século xv. A maioria deles foram doados por Junius.

Só vi estes livros algumas vezes, quando estava na companhia da equipa de restauro. Este é um momento sagrado.

A voz de Mr. Morgan penetra na santidade dos meus pensamentos.

— Importa-se de pegar no meu favorito?

Junius está a segurar a cópia do Virgílio de Sweynheym e Pannartz, o mais raro de todos os livros. Os clérigos alemães Conrad Sweynheym e Arnold Pannartz foram dois dos primeiros utilizadores da imprensa no século xv, e o livro que ele me entrega é uma das primeiras edições da tipografia deles.

— Posso? — pergunto eu, incrédula com esta oportunidade.

— Claro.

Os seus olhos brilham por detrás dos óculos. Suspeito que é uma emoção para ele partilhar a sua preciosidade com alguém que se interessa igualmente por ela.

Enfio as luvas brancas que ele me estende nas minhas mãos. O livro é mais pesado do que eu esperava. Sento-me diante das suas páginas abertas. *Como o papá teria gostado deste momento.* Penso no meu pai, que me apresentou ao mundo rarefeito da arte e dos manuscritos quando eu era ainda uma criança.

Um dia, a beleza da tua mente e a beleza da arte serão uma só, dissera uma vez o papá.

A recordação das palavras do meu pai faz-me sorrir enquanto vou virando as páginas amareladas. Examino a letra *T*, decorada à mão, que assinala o início de uma página, maravilhando-me com o brilho da sua folha de ouro. Abstraio-me da presença de Junius ali ao pé de mim até ele começar a falar.

— Estive com o meu tio ontem à noite.

Junius não precisa de identificar quem é o seu tio. Toda a gente na

biblioteca sabe que ele é sobrinho do famoso financeiro J. P. Morgan, e é exatamente por isso que eu nunca o menciono. Quero que Junius perceba que o aprecio somente pela sua erudição.

— Ah? — respondo educadamente, sem afastar os olhos da página.

— Sim, no Clube Grolier.

Conheço o clube de que fala, pelo menos pela reputação. Fundado há cerca de vinte anos, em 1884, o clube privado é constituído por bibliófilos endinheirados cujo principal objetivo é promover a erudição e a coleção de livros. Eu adoraria espreitar por detrás das portas fechadas do seu edifício romanesco na East Thirty Second Street. Mas, como mulher, nunca seria admitida, e, para aqueles homens, o meu género não seria o meu único pecado.

— Esteve a assistir a alguma palestra interessante? — tento continuar a fazer conversa.

— Miss Greene, não foi a palestra que foi interessante. — A voz de Junius contém um tom que não lhe é habitual, quase divertido.

Curiosa, afasto os olhos do Virgílio. O rosto plácido de Junius, sempre agradável mas sempre sério, abriu-se num sorriso largo. Era um tanto desconcertante e, ao endireitar-me um pouco, perguntei a mim mesma que raio é que se estaria a passar.

— Não? — pergunto. — A palestra não foi boa?

— A palestra foi boa, mas a discussão mais fascinante da noite foi com o meu tio, a respeito da sua coleção pessoal de arte e de manuscritos. De vez em quando dou-lhe conselhos sobre ela, bem como sobre a nova biblioteca que ele está a construir para a coleção, mesmo ao lado da sua casa em Nova Iorque.

— Oh, sim — digo eu com um ligeiro assentimento. — Ele está a considerar alguma nova aquisição interessante?

Junius faz uma pausa por um momento antes de responder:

— De certa forma, acho que ele anda à procura de uma nova aquisição — responde ele com um risinho entendedor. — Recomendai-lhe que ele a entrevistasse a si para o cargo que ele acabou de criar, de bibliotecário pessoal.

CAPÍTULO

2



7 DE DEZEMBRO DE 1905
NOVA IORQUE

Enquanto o elétrico da linha da Broadway vai subindo pela cidade e a noite nova-iorquina se estende à minha volta, quase me sinto feliz por Mr. Richardson ter aparecido ao fim da tarde no meu gabinete e me ter obrigado a adiar a viagem de comboio para as sete horas. O céu está escuro e sem lua, mas a cidade de Nova Iorque está brilhante e viva. Vejo casais elegantemente vestidos, de braços dados, a passear pelas ruas, ao lado de jovens estudantes do sexo masculino que regressam da biblioteca ou que se dirigem para os bares, e de ardinhas que anunciam as manchetes enquanto tentam vender os seus jornais. Embora devesse estar habituada à agitação noturna, depois de ter vivido nesta cidade durante mais de dez anos, antes de me mudar para a pacata Princeton, a vivacidade noturna surpreende-me sempre que regresso a casa.

Casa. Esta palavra interrompe todos os meus pensamentos. Será que a cidade de Nova Iorque é mesmo a minha casa? Vivi aqui desde os oito anos de idade, mas é o lugar de que me lembro antes da nossa mudança para Nova Iorque que me enche de recordações mais calorosas.

Enquanto o elétrico vai subindo a Broadway, recuo ao passado, sorrindo para a menina que vejo na minha mente. Imagino-me muito nova, no relvado da casa de dois pisos da minha família, na T Street NW, em Washington, D.C. De cada lado da nossa casa vivia a família da minha mãe. À direita, a avó Fleet, que vivia com o tio James e o tio Bellini, e à

esquerda, o tio Mozart, com a mulher e o filho. Aí, sempre me senti segura, sempre me senti bem, e até completa.

Recordo-me de um dia de verão demasiado quente em que encontrei uma sombra bem-vinda num lugar muito apreciado, debaixo do ulmeiro. Há muito tempo, eu tinha reclamado aquele ulmeiro como meu, e ninguém se atrevia a negá-lo à neta mais amada e acarinhada pela avó, a matriarca da família. Naquele dia, encostei-me ao tronco da árvore e abri uma página do meu bloco de desenho para desenhar a intrincada trama das folhas da árvore. As raízes estavam no quintal da avó, mas os ramos estendiam-se pelo nosso quintal em direção à casa do tio Mozart. Mas antes de ter oportunidade de desenhar mais do que algumas linhas, ouvi a minha mãe chamar-me para ir para dentro e jantar.

Ignorei a chamada duas vezes antes de largar o bloco de desenho e o lápis no relvado e correr para dentro de casa. Mesmo com a minha idade — cinco ou seis anos na altura —, sabia que, se a mamã tivesse de chamar uma terceira vez, eu teria quebrado uma das regras que regiam o comportamento da família Fleet: nunca devíamos levantar a voz e nunca devíamos fazer nada que obrigasse os adultos a levantarem a voz *deles* para nós. Este era apenas um dos muitos princípios pelos quais nós vivíamos. Ser um Fleet era ter uma boa educação (todos os meus tios e tias tinham ido para a universidade) e ser trabalhador (as mulheres eram todas professoras e os homens eram todos engenheiros). Os Fleets eram discretos no vestuário e na apresentação, ligados à comunidade, com um comportamento correto e sempre digno, independentemente do tratamento que recebiam fora da bolha do nosso pequeno mundo.

— Cá está o meu bebé — disse a avó quando me viu, como sempre. Abriu os braços e envolveu-me no seu abraço. Com o meu nariz encostado ao seu avental, senti o delicioso aroma a pãozinhos caseiros que ficava sempre no tecido. Da maneira como a avó me abraçava, eu poderia ficar nos seus braços para sempre.

— Agora vai sentar-te — disse ela, apontando para a mesa.

Sentei-me e apreciei aquele momento especial do dia, particularmente porque o papá estava em casa, uma raridade, porque ele estava sempre muito ocupado com coisas que eu não entendia. Assim que nos instalámos nas duas mesas — uma de dez lugares para os adultos e outra mais pequena, que eu partilhava com as minhas irmãs, Louise e Ethel, o meu irmão Russell e o nosso primo, Clifton, filho do tio Mozart —, o papá deu as graças e depois, erguendo o copo bem alto, levantou-se.

— Aos Fleets, para que conheçam sempre a prosperidade e a paz no nosso pequeno Éden. À minha querida Genevieve, que tem sido a minha constante fonte de força e que me perdoa pela minha ânsia de salvar o mundo, que saibas sempre o quanto eu te amo. Aos meus queridos filhos, que nunca serão capazes de compreender o quanto são amados, que cada um de vós agradeça ao bom Deus lá de cima pela sua generosidade e pelos seus desígnios por vezes caprichosos.

Toda a gente se riu e eu também, embora não fizesse ideia do que tinha tanta piada. Mas a seguir o papá inclinou-se e beijou a mamã, coisa que ele fazia sempre que tinha oportunidade. Ri-me e tapei os olhos, embora a forma como eles davam as mãos e se beijavam me fizesse sentir toda quentinha.

Um ruído do elétrico arranca-me aos meus devaneios. Suspiro. Passaram quase duas décadas desde essa altura e, apesar de no início termos regressado pontualmente para os dias de festa, já passaram dez anos desde a nossa última visita. Agora, a minha única ligação a Washington, D.C., são os postais de aniversário que todos recebemos da avó Fleet e alguma carta ocasional do tio Mozart. O irmão da minha mãe costumava visitar-nos quando nos mudámos para Nova Iorque. Ele e o meu pai eram bons amigos, e o Mozart até tinha apresentado os meus pais. Mas ele já não faz essa viagem há muito tempo, e tudo o que eu tenho agora são as minhas memórias. Embora estas recordações sejam antigas e um tanto esbatidas, aprecio cada dia de que me recordo e sei que Washington será sempre a minha casa.

O elétrico dá um solavanco e eu olho pela janela. Esta é a minha paragem. Depois de desembarcar do elétrico, ainda tenho de andar quatro quarteirões até ao apartamento da minha família, enquanto o vento de inverno rodopia e me envolve. Com a temperatura a rondar o congelamento, uma carruagem da Grand Central Station teria sido bem-vinda, mas, dada a natureza imprevista desta viagem, as finanças da família não se podiam dar a esse luxo.

Tento acelerar o passo, mas a minha mochila está pesada, carregada com o meu melhor vestido cinzento profissional e os meus mais recentes sapatos de atacadores, os que têm saltos altos. Viro da Broadway para a West 113th Street e, com as pontas dos dedos geladas, tento abrir a porta do prédio em pedra castanha com o número 507. Mas quando a fechadura não dá nenhum estalido, apercebo-me de que está outra vez estragada e que a chave não é necessária. Quem me dera que nos pudéssemos mudar para um sítio onde tudo funcionasse.

Lá dentro, esfrego as mãos enluvadas e começo a subir as escadas até ao primeiro andar. Uma única lâmpada em forma de globo está pendurada por cima de mim; pelo menos a lâmpada avariada foi substituída. Felizmente, a chave desliza com facilidade na maçaneta da porta e entro no apartamento da minha família.

Foi para aqui que a minha mãe e os meus irmãos se mudaram há dois anos, quando o meu irmão mais velho, Russell, começou um curso de pós-graduação em engenharia na Universidade de Columbia. Antes disso, a minha família vivia mais para o centro da cidade, em West Nineties, num agradável bairro de classe média cheio de carpinteiros, polícias, guarda-livros e lojistas, se fossem homens, e costureiras, balconistas e professoras, se fossem mulheres, na sua maioria de ascendência alemã, irlandesa e escandinava. Este novo bairro está repleto de estudantes, professores e trabalhadores de todas as origens ao serviço da universidade, e conseguimos encontrar um apartamento num dos edifícios mais baratos, a apenas três quarteirões de distância da Universidade de Columbia. Aí, o meu irmão vai tirar várias licenciaturas em minas, engenharia eletrotécnica e engenharia de vapor, um empreendimento que vai reforçar os recursos económicos de toda a minha família. Estamos extremamente orgulhosos dele.

Esperava que o apartamento estivesse às escuras, com as portas dos dois quartos fechadas para a noite e Russell a dormir no sofá, uma vez que todos têm de se levantar cedo: Louise e Ethel para o seu trabalho como professoras, Russell para as suas aulas e a minha irmã mais nova, Theodora, para o seu dia de escola. Em vez disso, encontro a minha mãe sentada na sala de estar, na sua cadeira de baloiço, junto a um pequeno candeeiro de mesa. Ela parece simplesmente um ramo de flores de estufa perfeitamente arranjado, com os tornozelos cruzados e as mãos unidas e pousadas no colo. Como uma flor, as suas feições são delicadas e encantadoras: maçãs do rosto altas, um nariz reto e estreito de que sempre tive inveja, e lábios em forma de botão de rosa. Apenas as madeixas grisalhas do seu cabelo castanho-escuro denunciam os seus cinquenta anos de idade. Como de costume, está vestida com o seu roupão de seda bordado, um presente que o meu pai lhe ofereceu antes de eu nascer.

— Boa noite, mamã — sussurro. Não quero acordar o Russell.

Os seus olhos cor de avelã abrem-se e ela demora um momento a registar a minha presença.

— Ah, Belle Marion — responde ela, sonolenta, embora a sua voz seja tão baixa como a minha —, finalmente estás em casa.

Devo ter acordado a minha mãe do mais profundo dos sonhos para ela me chamar pelo meu primeiro nome e pelo meu nome do meio, o mais frequentemente usado na minha infância. Ela proibiu qualquer pessoa da nossa família de usar Marion desde que me mudei para Princeton. Eu tenho de *ser* Belle da Costa Greene, costuma ela lembrar-me.

Dou-lhe um beijo suave na face.

— Não devias ter esperado por mim, mamã. Já é tarde.

Olho para o meu irmão, embora ele não se tenha mexido.

— Não é demasiado tarde para receber a minha filha. — A minha mãe puxa do seu relógio de bolso e diz: — Meu Deus, já passa das onze horas. Não gosto de te imaginar a andar sozinha pelas ruas da cidade a esta hora.

— Tinha esperanças de chegar mais cedo. No comboio das cinco horas. Mas tive de terminar uma tarefa antes de poder sair.

— Estou simplesmente feliz por ver agora a tua cara bonita, Belle. Amanhã tens um grande dia. — Mesmo com pouca luz, os seus olhos brilham. É um dia importante para toda a minha família. O que beneficia um de nós, beneficia-nos a todos.

A minha mãe levanta-se e eu sigo-a pela sala até à cozinha. O mais silenciosamente possível, ela afasta uma cadeira da mesa, e eu encolho-me noutra ao lado dela. Mesmo só com nós as duas, a cozinha fica sobrelotada. A mesa, com capacidade para seis pessoas, está espremida em frente a um armário que mal cabe entre o frigorífico e o fogão. Todo o apartamento de dois quartos parece estar apinhado. É demasiado pequeno para os cinco, mas é tudo o que podemos pagar. Os salários de professoras das minhas irmãs e o pouco que a minha mãe ganha a dar aulas de violino a crianças da escola, à hora, são apenas o suficiente para cobrir as contas e pagar a educação do Russell. Mando para casa o que posso, mas como tenho de pagar o meu quarto e a minha alimentação em Princeton, não é muito.

— Então — diz a minha mãe muito séria —, fala-me dos teus preparativos para a entrevista.

Eu estava muito feliz por ver a mamã, mas agora fiquei irritada. A pergunta e o tom dela implicam que talvez eu não me tenha preparado devidamente. Apesar de subtrair publicamente vários anos à minha idade, tenho, de facto, vinte e seis anos e uma carreira profissional de sucesso — embora os bibliotecários não ganhem tanto como os professores — e, no entanto, a minha mãe insiste em falar comigo como se eu tivesse dezanove. Mas fomos educados na linguagem do respeito, e nunca me passaria pela cabeça expressar a minha irritação.

— O Junius... Mr. Morgan — emendo; a minha mãe não aprovaria o uso familiar do nome dele. — O Mr. Morgan, o mais novo, tem ajudado, é claro. Ele deu-me uma lista da coleção do Mr. Morgan, e eu fiz uma pesquisa sobre as suas obras de arte, livros e artefactos, com o objetivo não só de a catalogar corretamente, mas também de a aumentar de forma coesa. E tenho estudado os planos arquitetónicos da nova biblioteca, para poder dar sugestões sobre a forma como ele poderá expor e guardar a sua coleção.

— Ótimo, ótimo, fico contente por saber que estás preparada para discutir o seu novo edifício e aquilo que ele possui. Presumindo que ele não vai achar isso presunçoso, claro, uma vez que ainda não te contratou. Mas não é só isso que ele te vai perguntar. Tu sabes disso, Belle — diz a minha mãe. O seu leve sotaque sulista intensifica-se, um sinal de que ela está a falar a sério.

— A que é que te referes?

— O que vais dizer a esse Mr. J. P. Morgan quando ele te fizer perguntas sobre a tua formação? Ele já tem a sua lista de bibliotecários, a maioria dos quais com diplomas bastante impressionantes, suponho. Tu vais ter de provar o que vales. — A minha mãe levanta a sobrancelha direita, como sempre acontece quando ela está ansiosa ou cética.

Detesto admiti-lo, mas a minha mãe tem uma capacidade extraordinária para apontar um ponto-chave que me passou despercebido. Não tinha pensado na melhor maneira de apresentar a minha instrução formal, porque não é necessária nenhuma formação específica para se ser bibliotecário, e ninguém me fez perguntas sobre a minha escolaridade nos cinco anos em que trabalhei em Princeton.

— Eu frequentei o Teachers' College.

— Estás a candidatar-te a um lugar de professora? — A minha mãe cruza os braços, como se fosse ela a entrevistar-me.

— Não, claro que não. — Esforço-me por esconder a minha irritação, sabendo que ela me está a preparar para qualquer eventualidade, mas o seu tom faz-me lembrar as conversas que tivemos há seis anos. A mamã argumentou que eu deveria seguir o mesmo caminho seguro que as minhas irmãs recatadas, Louise e Ethel, tinham seguido. *Tu precisas de uma carreira como a de professora, que possas retomar em qualquer altura, independentemente das contrariedades que tenhas de enfrentar*, dizia ela. Mas quando uma colega de turma mencionou que havia uma vaga na Biblioteca da Universidade de Princeton, não pude deixar de ir a uma

entrevista. Depois de ter conseguido o emprego, a minha mãe ficara muito mais condescendente.

— Então, se não te estás a candidatar a um lugar de professora, o que poderias dizer em vez disso?

A minha mente está em branco, mas em seguida surge-me uma ideia.

— Já sei exatamente o que vou dizer: o tempo que passei em Princeton constituiu a melhor formação do mundo.

A minha mãe ri-se com prazer, mas depois encosta os dedos aos lábios porque Russell se mexe no sofá.

— Bem, se isso não é atirar o barro à parede, não sei o que seja... — sussurra ela. — Isso é quase perfeito. E como o jovem Mr. Morgan vai lá estar, ele vai adorar a menção à sua *alma mater* e elogiar-te ainda mais ao tio dele.

Assentimos uma para a outra, mas a minha mãe volta a franzir as sobrancelhas.

— E se ele te fizer perguntas sobre os teus professores e os teus estudos em Princeton? A tua «formação», como referiste? Afinal de contas, é uma faculdade para homens.

Estou novamente em território seguro.

— Vou descrever a formação extensiva que me foi dada por Mr. Richardson, o bibliotecário-chefe. E a orientação de Miss Charlotte Martins, a bibliotecária responsável pelo departamento de aquisições. E, claro, há sempre a minha aprendizagem no sistema da Biblioteca Pública de Nova Iorque e o meu curso de bibliografia na Escola de Bibliotecários Fletcher, do Amherst College, se ele realmente insistir.

— Excelente, minha querida. — Ela solta um suspiro que soa quase como um silvo baixo. — Imagina. A oportunidade de trabalhar diretamente para Mr. J. P. Morgan. Ele é o homem mais importante de Nova Iorque, talvez do país. — Abana a cabeça com incredulidade e eu penso que, depois do interrogatório da minha mãe, a minha entrevista com Mr. Morgan pode parecer fácil.

Antes de ela voltar a abrir a boca, eu já sei o que vai dizer.

— É precisamente por isso que escolhemos este caminho — começa ela, como se, mais uma vez, tivesse não só de me explicar mas também de me convencer. — Uma rapariga de cor chamada Belle Marion Greener nunca teria sido considerada para um emprego junto de Mr. J. P. Morgan. Só uma rapariga branca chamada Belle da Costa Greene teria essa oportunidade.

As suas palavras fazem com que o passado se apodere de mim e eu já não seja uma mulher adulta, mas uma rapariga de dezassete anos. Era o início da noite e eu sentia o cheiro do pão quente a cozer e do guisado de galinha. Tínhamo-nos mudado de Washington há cerca de dez anos, quando o meu pai conseguiu o seu novo emprego na Grant Monument Association, e eu tinha aprendido a apreciar a cidade, especialmente o nosso apartamento na West Ninety-Ninth Street, mesmo ao virar da esquina do Central Park. O meu irmão, as minhas irmãs e eu ficámos entusiasmados quando nos mudámos para aquele espaço tão amplo. Com quatro quartos que davam para um longo corredor, que desembocava na sala de estar, de um lado, e na cozinha e na sala de jantar, do outro, a casa parecia tão grande como o parque.

Nessa noite, eu estava sentada à mesa da cozinha a ajudar a Teddy com os trabalhos de casa quando fomos interrompidas por sons de gritaria. Presumi que o alarido vinha dos nossos vizinhos do lado barulhentos, um vendedor, a sua mulher e os seus cinco filhos louros, que muitas vezes eram desordeiros.

— Eu devia ter percebido que o teu objetivo era esse. Desde o início, eu devia ter percebido que era isto que tu querias. — A voz do meu pai elevava-se. — Desde o momento em que escolheste este bairro e enganaste o senhorio para conseguires este apartamento, eu devia ter percebido.

— Tudo o que eu fiz, fi-lo pelos nossos filhos, por ti e por mim. — A voz da minha mãe, normalmente de um tom educado, pouco acima de um sussurro, estava quase tão alta como a do meu pai.

Era chocante ouvi-los assim. Claro que eu já tinha reparado que, a cada ano que passava, havia menos olhares carinhosos, menos mãos dadas e uma ausência de beijos roubados. A tensão entre os meus pais tinha aumentado, mas eu supunha que era devido ao facto de o meu pai estar muitas vezes fora a angariar fundos para a Grant Monument Association e a fazer discursos a favor da igualdade de direitos. Mas nunca os tinha ouvido levantar a voz. Os Fleet não gritavam.

Congelei. Até que a Teddy se mexeu na cadeira e, quando olhei para o outro lado da mesa, a minha irmã de dez anos estava a tremer. Apoiava os cotovelos na mesa e tapava os ouvidos. Dei-lhe um abraço rápido e em seguida atravessei o corredor até à sala de jantar para poder ouvir melhor os meus pais.

— A seguir, foi a escola dos miúdos — continuou o meu pai. — Tu só os querias pôr em escolas exclusivamente para brancos.

— Porque eu quero o melhor para eles — gritou ela.

— Não, Genevieve, isto foi tudo só por ti mesma. Esta é a vida que sempre quiseste.

— Como é que me podes dizer isso? — A voz dela tremeu de emoção. — Isto não é o que eu queria. Isto é o que eu tinha de fazer. Eu sou uma Fleet; tenho orgulho da minha origem.

O riso do meu pai era amargo.

— A *tua* origem! Ah, sim, tu és filha dos grandes Fleets, enquanto eu sou apenas o reles neto de um escravo. Casaste com um Greener, um homem muito abaixo da tua posição social.

— Richard, por favor, não digas isso. Tu sabes o quanto eu te amo.

— Amas?

— Sim, amo. E eu sei que tu me amas. É por isso que quero que compreendas. Estás a acusar-me de me afastar de quem eu sou, e não é isso que eu estou a fazer.

— Estás, sim. — Ouvi um farfalhar de papéis e em seguida o meu pai gritou: — As provas estão aqui mesmo. Tu declaraste a nossa raça aos funcionários dos censos como sendo branca.

O meu pai estava furioso, mas eu não compreendia a sua raiva. Que diferença fazia a forma como a mamã nos tinha declarado ao censo, uma vez que a nossa pele era tão clara como a de todos os que viviam no nosso bairro? Éramos até um pouco mais claros do que os imigrantes recém-chegados que eu tinha visto na Baixa de Manhattan, de ascendência italiana e mediterrânica, que se presumia serem brancos, embora de um tipo inferior de branco. Eu tinha a certeza de que o meu pai não iria querer que vêssemos nos bairros onde as pessoas de cor estavam amontoadas — Five Points, Greenwich Village, Tenderloin ou Harlem. As condições em alguns desses prédios infestados de criminosos eram notoriamente insalubres, as doenças surgiam com regularidade e alguns lugares nem sequer tinham casas de banho ou água corrente.

Então qual era o mal de nos declararmos brancos, uma vez que vivíamos como brancos? No entanto, o assunto nunca tinha sido discutido, pelo menos entre as crianças. Eu tinha aprendido há muito tempo, entre as minhas muitas lições de etiqueta enquanto Fleet, que a raça, tal como a política e a religião, nunca devia ser discutida em público e só muito raramente em privado.

As palavras da minha mãe estavam abafadas. Não consegui distinguir nada claramente até o meu pai voltar a falar.

— Como é que não percebes que isto tem enormes repercussões, Genevieve? Tornaste oficial o nosso estatuto como brancos. Depois de todo o trabalho que eu tenho feito para defender a igualdade de direitos dos negros e das pessoas de cor. Depois de ter argumentado arduamente nos fóruns, nos palcos e nos jornais e revistas, que todos os cidadãos devem ser tratados da mesma forma, quer sejam negros, brancos ou de cor. Que não devemos ser definidos pelo número de gotas de sangue africano que corre nas nossas veias, mas pelo nosso carácter e pelas nossas ações. Que não devemos ter vergonha da nossa origem e que todos nós, negros e de cor, nos devemos unir na nossa luta contra o preconceito. O teu ato vai contra tudo aquilo que eu defendo e tudo aquilo pelo que eu tenho trabalhado...

Ouvi um gaguejar, mas aquilo seria o meu pai? Como é que um homem famoso pelos seus dotes oratórios — o Richard Greener, o primeiro homem de cor licenciado em Harvard, o antigo professor da Universidade da Carolina do Sul e antigo reitor da Faculdade de Direito da Universidade de Howard, que fazia discursos por todo o país — podia agora, ao que parecia, ficar sem palavras?

— Eu estou a fazer o que é melhor para todos nós, Richard, não percebes? Especialmente aqui em Nova Iorque. Esta cidade não é como o nosso bairro protegido lá da terra. E mesmo lá, as leis estão a mudar. Washington já não é segura. Aqui, a assimilação vai dar aos nossos filhos as melhores oportunidades. — A sua voz era agora calma e clara, como se nenhuma manobra de oratória ou de argumentação lógica a pudesse influenciar.

— Assimilar? Não é isso que tu estás a fazer. Não estás apenas a tentar integrar-te para teres uma melhor educação para os teus filhos e acomodações mais limpas para a tua família. Tu estás a tentar *ser* branca! — Eu nunca tinha ouvido o meu pai tão zangado. — Percebes que o que estás a fazer é a razão pela qual os meus colegas ativistas me estão a evitar? Compreendes que as tuas ações são a razão pela qual o Western Colored Bureau do Partido Republicano em Chicago está a pôr em causa a sua decisão de me contratar para cobrir a campanha para eleger McKinley como presidente? Há rumores de que, como vivo num bairro de brancos e tenho trabalhado exclusivamente com brancos na Grant Monument Association, estou a tentar ultrapassar a barreira da cor. Pensam que me tornei íntimo dos brancos e que abandonei o meu próprio povo. Se alguém soubesse que nos registaste como brancos num documento do censo, consideraram-me um traidor e nunca mais ninguém me contrataria ou me deixaria

falar ou escrever sobre questões raciais. E esse é o trabalho da minha vida, Genevieve.

— A família deveria estar sempre em primeiro lugar, Richard. Eu. Os teus filhos. Nós deveríamos ser o mais importante — respondeu a minha mãe, com a voz a elevar-se.

— Quando é que vais perceber que fazemos parte de uma família maior, Genevieve? — A voz dele era quase um rugido. — Da comunidade de cor? Devias ter o mesmo orgulho nisso como tens em ser uma Fleet. Devias compreender como é importante criar essa família a par da nossa.

O meu pai, tão claro que as pessoas muitas vezes o confundiam com um branco, independentemente das suas palavras e ações em contrário, devia ter-se recomposto, porque o seu tom era mais controlado, embora a sua voz continuasse elevada, quando continuou.

— Declarar que tu e os nossos filhos são brancos é como virares as costas ao teu próprio povo. Virares as costas a ti mesma. — Houve uma longa pausa antes de ele voltar a falar, mas quando o fez, mal passou de um sussurro. — E virares-me as costas a mim, acima de tudo.

Um soluço escapou dos lábios da minha mãe.

— A luta pela igualdade acabou, Richard. Tu perdeste-a. Nós perdemos-la há quinze anos, quando o Supremo Tribunal anulou a Lei dos Direitos Civis, que teria dado a todos os negros e às pessoas de cor os direitos iguais que merecemos. No entanto, continuas a pensar que alguma coisa vai mudar para melhor. Mas o tempo da esperança já passou; as coisas só vão piorar. Só existem pretos e brancos; não há nada intermédio. E eles estarão sempre separados, mas nunca em igualdade. A segregação encarregar-se-á disso.

Havia resignação na voz do papá.

— Isso pode ser verdade, Genevieve, mas não quer dizer que nos devemos render. Temos de continuar a lutar e a provar do que somos capazes.

— Não concordo. *Está* na altura de nos rendermos. As forças contra a igualdade são demasiado poderosas para serem vencidas. Mas nós temos uma vantagem. Temos a pele clara, Richard. É uma dádiva que Deus nos deu.

— Achas que a nossa pele clara é uma dádiva de Deus? — A fúria do meu pai era evidente. — Nunca pensas na razão para termos a pele clara? A violência que os homens brancos perpetraram sobre os nossos antepassados nunca te passa pela cabeça?

Arquejei ao ouvir as suas palavras. Claro que eu sabia desses assuntos, mas ninguém se atrevia a dizê-los em voz alta na nossa casa.

Mas a resposta da minha mãe foi tão firme como a sua afirmação inicial.

— Neste país, como pessoas de cor, temos de usar todas as vantagens. A nossa pele clara dá-nos uma escolha. — Fez uma pausa antes de anunciar: — Eu escolho o branco para as crianças e para mim. Não posso fazer essa escolha por ti, Richard, mas por favor. Por favor, faz esta escolha comigo. Fá-la por nós. Por nós e pelos nossos filhos.

No silêncio, a tensão deles repassou para fora da sala de estar, flutuou até à cozinha e veio pousar em cima de mim.

Sustive a respiração até ouvir o som de uns passos pesados a ecoar pelo corredor, enquanto o meu pai passava pela sala de jantar num borrão de movimento. Ele era como uma mancha de cinzento, preto e marfim, as suas roupas indistinguíveis da sua pele. A porta da frente abriu-se com um rangido e em seguida fechou-se com um estrondo, deixando-me com uma avassaladora sensação de confusão, de raiva e de ansiedade infantil que nunca mais me abandonou.

Com esse gesto, o facto estava consumado. Já não me chamaria Belle Marion Greener, filha orgulhosa de Richard Greener, advogado, defensor da igualdade e membro do décimo talentoso¹, e de Genevieve Fleet Greener, parte da comunidade da elite de Washington, D.C., de pessoas de cor livres. Não. Pouco tempo depois, aceitei a decisão da minha mãe como se fosse minha e tornei-me na mulher branca conhecida como Belle da Costa Greene.

¹ Termo usado por W. E. B. Du Bois para designar a percentagem de afro-americanos com um curso superior que se tornavam ativistas pela mudança social. (N. de T.)

CAPÍTULO

3



8 DE DEZEMBRO DE 1905
NOVA IORQUE

— Isto é um Rembrandt? — pergunto a Junius, com o meu pé a pairar por cima de uma requintada gravura emoldurada. O retrato dourado e luminoso de um velho de idade avançada está em cima de uma pilha de livros, um dos muitos espalhados pelo chão de mármore intrincadamente incrustado da sala circular. Tenho de passar por cima dela para seguir Junius pela entrada grandiosa. Junius tinha-me dito que Mr. Morgan tinha mais de cento e cinquenta gravuras de Rembrandt na sua coleção, compradas em 1900 a um único colecionador, Theodore Irwin, mas esta não poderia de maneira nenhuma ser uma delas. Ninguém deixaria uma obra de arte de valor inestimável no chão.

Junius examina a gravura. A seguir, solta uma gargalhada, um som que eu nunca teria acreditado que pudesse emanar do antiquário de maneiras suaves.

— Creio que sim, Miss Greene. Só o tio Pierpont atiraria um Rembrandt para o chão como se fosse o jornal de ontem.

Junius aproveita todas as oportunidades para se referir a Mr. Morgan como o familiar tio Pierpont; de facto, talvez seja a única pessoa no mundo que trata o titã da indústria pelo nome que ele prefere — Pierpont — em vez da abreviatura J. P.

Tínhamos entrado na nova biblioteca de Mr. Morgan por um conjunto de portas de bronze incrivelmente ornamentadas na Thirty Sixth Street.

Fiquei impressionada com a sumptuosidade da sala circular da entrada. As paredes e o chão de mármore tinham sido inspirados nos jardins do Vaticano, de acordo com Junius, e estavam cheios de cor devido aos vários tons de mármore e lápis-lazúli. Pinturas de figuras clássicas, urnas e folhagens de acanto decoram o teto de estuque azul e branco que se eleva por três andares dourados até à abóbada, embora ainda exista uma escada num canto por terminar. Mesmo inacabada, a entrada da Biblioteca Pierpont Morgan, como virá a ser conhecida, é de cortar a respiração.

Uma voz de trovão ecoa por toda a sala circular, ricocheteando de pilar em pilar como um relâmpago à procura de um objeto para atingir. Dou um salto e pergunto-me de onde vem o som. O átrio tem três portas fechadas — a leste, oeste e norte.

Junius olha para mim.

— Não se preocupe, Miss Greene. É só o tio Pierpont.

Mas preocupo-me. Consta que o financeiro e magnata do aço, dos caminhos de ferro e da energia elétrica é inconstante, e eu esperava encontrá-lo bem-disposto para a minha entrevista. À medida que o rugido continua, apercebo-me de que vem de trás da porta ocidental, do escritório de Mr. Morgan, creio eu, e não é certamente o som de um homem bem-disposto.

— Quantas vezes é que já lhe disse? — grita a voz. — Eu não quero ver nenhum documento sobre a U.S. Steel enquanto estiver aqui na biblioteca.

Ouve-se um murmúrio, palavras de outro homem que não consigo distinguir, antes de a voz estrondosa voltar a vibrar:

— A menos que eu os peça especificamente, esses documentos devem ser mantidos no meu escritório em Wall Street.

Enquanto esperamos que a tirada termine, pergunto-me se quero realmente fazer esta entrevista. Não me consigo imaginar a trabalhar para um homem que fala assim com toda a gente. Finalmente, a porta abre-se e sai um homem alto e careca que não olha na nossa direção. Mas quase não reparo nele, impressionada como estou com o meu primeiro vislumbre do deslumbrante escritório de dois andares de Mr. Morgan.

Sigo Junius para o interior, esquecendo momentaneamente os meus nervos ao ver a majestade do que está à minha frente. A desordem que prevalece na entrada circular foi em grande parte dominada aqui dentro. Os vestígios de desordem que permanecem — algumas pilhas de livros encadernados a pele, aparentemente destinados a espaços vazios nas profundas estantes de nogueira que revestem a sala, e duas Madonas renascentistas

encostadas a uma parede — passam quase despercebidos. É difícil registar qualquer coisa para além das vibrantes paredes cobertas de seda carmesim. O escarlate cobre não só as paredes, mas também o sofá de veludo e as poltronas de orelhas, as janelas debruadas a mármore e até a imponente cadeira que preside atrás da secretária ornamentada de Mr. Morgan, como um trono. A sala pulsa verdadeiramente de vermelho e faz-me sentir zonz. Até que me apercebo do homem ao centro da sala, a fumar um charuto.

Encostado à borda de uma lareira tão grande que ele poderia caber lá dentro, está Mr. J. P. Morgan. Por baixo das suas pesadas sobranceiras negras, olha para nós com uns olhos tão brilhantes, penetrantes e proibitivos como uma lâmina altamente polida — e tão intensos que nem sequer reparo no seu notório nariz bulboso, o ponto focal de inúmeros *cartoons* políticos sobre ele.

Os dois Mr. Morgans não podiam ser mais diferentes. Noutras circunstâncias, a disparidade poderia ter sido cómica — o júnior, tão esguio e de estatura mediana; o sénior, tão barrigudo e de altura impressionante. Mas esta situação não tem piada para mim. Há demasiado em jogo.

Junius aclara a garganta antes de falar.

— Tio Pierpont, tenho o prazer de lhe apresentar Miss Belle da Costa Greene. — Assente com a cabeça na minha direção com um brilho de orgulho.

— É uma honra, senhor. — Sorrio e pego na saia para fazer a pequena meia vénia que tinha praticado esta manhã enquanto a minha mãe me ensinava os pormenores do comportamento que se poderia esperar de mim. Mr. Morgan inclina a cabeça na minha direção, mas ainda não está pronto para me dar atenção.

Em vez disso, ele volta-se para Junius.

— Tiveste oportunidade de pesquisar as gravuras de Rembrandt que os Vanderbilts se propuseram vender-me?

— Tive, tio Pierpont.

— Bem, vamos lá ouvir isso. Não posso prometer que a tua pesquisa me fará aceitar a oferta deles, mas estou sempre disposto a ouvir. — Mr. Morgan começa a andar de um lado para o outro pelo seu enorme escritório.

Enquanto o tio e o sobrinho discutem os méritos da coleção de Mr. George Vanderbilt, composta por 112 gravuras de Rembrandt, eu observo o Morgan sénior para avaliar o homem por mim mesma. Independentemente da sua reputação de brusquidão e da gritaria a que

acabara de assistir, Mr. Morgan é educado com Junius, e até solícito com ele durante a descrição — a meu ver — excessivamente longa da sua pesquisa.

— Tio, eu acredito que Rembrandt capta mais a humanidade dos seus modelos nas suas gravuras do que nas suas pinturas e, dessa forma, elas têm um valor único e não apenas em termos monetários... — diz Junius.

Mr. Morgan está visivelmente aborrecido com as longas reflexões do sobrinho e faz uma pausa atrás da sua secretária antes de se virar para mim.

— Vamos dar uma olhadela à tua Miss Greene, Junius — diz, enquanto dá uma baforada no seu charuto.

Cabeça erguida, ombros direitos, olhar firme, sem nunca vacilar. Sob o olhar de Mr. Morgan, obedeço às instruções da minha mãe, como se ela estivesse na sala, e retribuo o seu olhar. Mr. Morgan tem de perceber que não me vou deixar intimidar. E, independentemente do que ele julgar que vê no meu tom de pele ou no meu nariz, que é um pouco mais largo do que o dos meus irmãos, ele tem de acreditar que eu sou uma mulher branca confiante e competente.

Mr. Morgan dá a volta à sua secretária e eu não digo nada quando ele para à minha frente. Começa a rodear-me lentamente, como se estivesse a avaliar um quadro rococó muito caro. Repito as palavras da minha mãe na minha cabeça e mantenho um silêncio seguro perante a sua inspeção, compreendendo que isto faz parte do teste.

Como para si mesmo, comenta:

— Tão baixinha...

Esta é uma observação bastante óbvia. Ele é mais de trinta centímetros mais alto do que eu, com mãos tão largas que uma só poderia abarcar a minha cintura. Quando para outra vez à minha frente, fica a olhar para mim, embora o canto da sua boca se levante por baixo do bigode.

— Uns olhos tão invulgares. Cinzentos, algures entre um tom fumado e prateado. Muito atraentes.

Não respondo. O que é que eu poderia dizer?

— Uma verdadeira beldade. — Mais uma vez, ele fala como se estivesse a avaliar uma obra de arte, e não tenho a certeza se o conhecido namoradeiro me está a avaliar como mulher ou como bibliotecária. O seu comentário não convida a uma resposta, por isso, mais uma vez, não digo nada. Mas em seguida ele acrescenta: — Da Costa. Um nome invulgar.

Repetindo a minha frase ensaiada, respondo:

— É o meu nome de família. A minha avó é portuguesa.

— Ah — assente com a cabeça, mas os seus olhos permanecem fixos em mim. Inspiro e concentro-me para manter a minha confiança perante o seu escrutínio.

Em seguida, vira-se repentinamente para o outro lado.

— Já ouvi o que Junius pensa sobre estas gravuras, mas gostaria de saber a sua opinião, Miss Greene. O que é que *você* acha da aquisição dos Rembrandts dos Vanderbilts?

Expiro, grata pela repentina mudança de assunto e pela oportunidade de demonstrar os meus conhecimentos a Mr. J. P. Morgan.

Concentro-me, recorro aos extensos ficheiros da minha mente.

— Ao contrário dos seus contemporâneos, Rembrandt fazia ele próprio todo o trabalho de gravação das gravuras, desde a incisão das linhas na placa de cobre com várias agulhas até à posterior imersão da placa nos químicos necessários. Ele pensava que as gravuras deveriam ser um meio artístico importante e não apenas um meio fácil de divulgar as suas pinturas a óleo mais caras, como a maioria dos seus contemporâneos fazia. Nesta perspectiva, as gravuras de Rembrandt são obras-primas do próprio génio, com uma maior variedade de temas do que as suas pinturas a óleo mais famosas. — Faço uma pausa. — As gravuras são notáveis. Assim como a Biblioteca Pierpont Morgan também será, se *eu* estiver no cargo de bibliotecária.

Na minha visão periférica, vejo Junius encolher-se.

Mr. Morgan absorve as minhas palavras e, durante um longo momento, sinto que ele me vê *por inteiro*. A seguir, o seu bigode estremece e vejo o indício de um sorriso sob a sombra do seu nariz bulboso e torto e a curva descendente do seu espesso bigode preto. Por um breve momento, a sugestão de um sorriso e a confiança que ele exala fazem-me lembrar o meu pai. Embalada pela semelhança transitória, estou prestes a devolver a expressão de Mr. Morgan quando o seu rosto se torna carrancudo.

Olho para Junius, que está paralisado, à espera do julgamento do tio. Lembro-me de que Junius é meu aliado — e, atrevo-me a dizer, meu amigo — e que é fundamental que eu me reajuste e que demonstre a afinidade dos nossos pontos de vista.

— Fazendo eco da opinião de Mr. Morgan, se adquirir a coleção de Mr. Vanderbilt, o senhor irá possuir a maior coleção do mundo de gravuras de Rembrandt. Apresentadas em conjunto, darão aos estudiosos e colecionadores uma oportunidade sem precedentes para estudar a evolução do estilo e da habilidade do grande mestre. Isso traria um nível único de

renome e de atenção à sua coleção. — Esta última afirmação é ousada. Esta é a biblioteca privada de Mr. Morgan, e ele nunca manifestou publicamente que tenciona abrir a sua instituição a académicos. Mas espero dar uma ideia do que pode ser possível, ao mesmo tempo que apelo ao seu orgulho.

O único som no vasto escritório de dois andares é o tiquetaque ensurdecido do relógio dourado na enorme lareira de pedra. O que é que este silêncio significa? Apreciação? Ou, mais provavelmente, irritação pela minha presunção? Será que ele vai explodir comigo da mesma forma que explodiu com aquele cavalheiro pouco antes de eu entrar no seu gabinete? Antes que os meus pensamentos se desviem demasiado para outro lado, Mr. Morgan brada:

— Porque acha que eu a devo contratar para minha bibliotecária pessoal, em vez de qualquer um dos outros candidatos que entrevistei, muitos dos quais são mais velhos e mais experientes do que a menina? Como é que *você* vai tornar a Biblioteca Pierpont Morgan inigualável?

Dou um passo na direção dele.

— Mr. Morgan, ainda bem que salientou que os seus outros candidatos são diferentes de mim, em experiência, idade e — faço uma pausa para dar ênfase — género. É exatamente essa divergência entre as minhas características e as de todos os outros que faz de mim a candidata *perfeita* para a Biblioteca Pierpont Morgan. A minha relativa inexperiência significa que não chego com nenhum preconceito antiquado e estagnado que atrapa-lhe aquilo que a Biblioteca Pierpont Morgan se pode vir a tornar; em vez disso, a minha visão e ambição para a biblioteca são ilimitadas. A minha juventude significa que disponho de um tempo ilimitado e de uma energia exclusiva para me dedicar a si e à sua coleção. A minha paixão por manuscritos raros e incunábulo significa que serei incansável na aquisição dos itens ideais para tornar a sua coleção incomparável, aprendendo com a sua experiência nas negociações e no mercado, como é óbvio. E o facto de ser mulher significa que, sempre que entrar numa sala, terei a atenção de todos, que é exatamente o que a Biblioteca Pierpont Morgan merece.

Ele assente com a cabeça.

— E como é que tornaria a minha biblioteca incomparável? — Mas antes que eu possa responder, ele continua: — Espero que a aquisição de *Le Morte Darthur*, de Thomas Malory, pelo impressor William Caxton, esteja na sua lista de conquistas importantes. — Olha para mim como se estivesse à espera de uma reação, e tenho a certeza de que vejo um ligeiro sorriso na sua cara. — Porque esse Caxton é exatamente o que *eu* quero.

— É um incunábulo extremamente raro, um de apenas dois exemplares, se não estou em erro. — A surpresa invade os seus olhos. — Mas farei tudo o que estiver ao meu alcance para o trazer para a sua coleção, se tiver oportunidade.

O seu sorriso é agora inconfundível. Este volume foi impresso em 1485 pelo famoso impressor e editor William Caxton, a quem se atribui a introdução da imprensa em Inglaterra. Intitulado *Le Morte Darthur*, conta a lenda do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda e a sua demanda pelo mítico Santo Graal. Será a aquisição deste livro particularmente esquivo a própria demanda sagrada de Mr. Morgan?

— Você é impressionante, Miss Belle da Costa Greene.

Mais uma vez, os seus olhos percorrem-me, a observar-me, mas mantenho-me concentrada.

— Mr. Morgan, se me for dada a oportunidade, assegurar-me-ei de que a sua biblioteca será inigualável. E farei da própria Biblioteca Pierpont Morgan a obra-prima que o senhor merece.